

PEDAGOGIA DA MORTE

Alvaro José Camargo Vieira¹

Resumo: Este ensaio traz uma reflexão sobre os sentidos da morte na sociedade contemporânea e suas diferenças em relação a outros momentos históricos. Especulam-se as conseqüências sociais e pedagógicas da “higienização” da morte, medicalizada e excluída do cotidiano pelos mecanismos de controle e organização social contemporâneos.

A morte é assunto desagradável. A maioria das pessoas tenta evitá-lo, pois invoca a lembrança dos que já se foram e, principalmente, da própria finitude.

A morte, na nossa sociedade, significa fracasso, derrota, algo que não pode acontecer, uma aberração. Morre aquele que fracassou em conseguir um emprego, a equipe de futebol derrotada num campeonato, o homem que fracassou na cama, o doente que não resistiu à doença, a criança que não teve êxito nos estudos, o aposentado que vive na miséria. Tudo o que deve ser rejeitado como antinatural, como antívida. O paradoxo entre a vida e a morte aparece devido à nossa incapacidade de transcender a dialética do certo e do errado, do sim e do não, do mais e do menos, da vitória e da derrota. Esquecemos que nossas derrotas, como nossas vitórias; nossos erros e nossos acertos; a perda e o ganho, dão sentido à vida. Nesta perspectiva, o passado é sempre ressignificado para possibilitar o futuro, o sentido depende da possibilidade de um futuro finito. A imortalidade condena ao esquecimento e à indiferença, uma vez que o passado não pode ser retomado e ressignificado por ser uma perene repetição.

A crença na imortalidade, entretanto, é propagada pela cultura de massa, nos programas de televisão, que situam seus telespectadores numa eterna adolescência,

1. Aluno do programa de mestrado em Educação da UNICAMP. Professor da rede estadual de Ensino.

forçando as crianças a desenvolverem-se de modo precoce (através dos apelos sexuais e da violência) e aos idosos e adultos a infantilizarem-se (principalmente através dos jogos tolos e infantis dos programas de auditório). Na adolescência, embora tenha-se condições psicológicas de vivenciar a morte, ela é sempre descartada e desconsiderada, pois as energias física e mental, em sua plenitude, dão a impressão de que qualquer obstáculo pode ser superado, de que a vida não trás dificuldades, de que a morte não faz parte da vida. A televisão, o cinema e a informática virtualizaram a experiência de morte, nos desenhos os personagens morrem inúmeras vezes, mas nunca de modo definitivo; nos filmes a violência banaliza a morte (mata-se demais); nos jogos de computador a morte torna-se eletrônica. Esta virtualização da morte pode fazer com que não se perceba mais a fronteira entre a realidade e o ilusório; os assassinatos cometidos por adolescentes parecem indicar isso: a falta de contato com a morte real, mata-se iludido com a possibilidade do morto reviver (lembremo-nos que em filmes violentos para matar não basta uma rajada de metralhadora).

Na cidade, o morto na sarjeta é rapidamente subtraído do olhar público. Uma vez envelopado, é transferido para as geladeiras do IML (Instituto Médico Legal), onde repousará em paz. A higiene burguesa e a medicalização da morte fizeram com que a morte fosse expulsa de casa, ela tem que ocorrer no hospital, lugar destinado para isto, sob os cuidados dos médicos que passam a decidir como e quando deve-se morrer (a aparelhagem dos grandes hospitais consegue manter a vida vegetativa por um período indeterminado). Após a morte, o corpo deve ser preparado para o velório, deve ser maquiado e vestido para dar a impressão de vivo, o morto não pode lembrar a morte, conduta que nos remete ao rito fúnebre do século XV, no qual as "obséquias" dos vivos aos mortos prolongavam-se por vários dias e adquiriam sentido porque o morto representava a vida – a origem nobre e guerreira. Se o morto deve parecer vivo, ao contrário da Baixa Idade Média, em nossa sociedade, o luto não deve ser prolongado nem ser público, pois representaria desperdício de tempo e a lembrança que todos tentam esquecer. Tudo é feito de modo rápido prático, limpo e oculto.

A rejeição da morte, apresenta-se, portanto, como perspectiva importante para a compreensão da sociedade. Então, quais seriam os fatores sociais que contribuem para esta rejeição? A nossa sociedade é incapaz de apreender com as perdas, com a morte? Qual a participação da escola e dos educadores nisso? Como os pedagogos tratam a morte em suas atividades? Existe uma relação entre atitude diante da morte e consciência de si?

Atitudes diante da morte

A morte não foi sempre rejeitada deste modo. Antigamente, era assumida pela sociedade, que não fechava os olhos para sua inexorabilidade, tentando escamoteá-la. Até o início do século XX, mais precisamente até a Primeira Grande Guerra, nos lembra Ariès, no Ocidente de cultura latina, católica ou protestante, a morte de alguém sempre repercutiu no espaço e no tempo da comunidade.

Fechavam-se as venezianas do quarto do agonizante, ascendiam-se as velas, punha-se água benta; a casa enchia-se de vizinhos, de parentes, de amigos murmurantes e sérios. O sino dobrava a finados na igreja de onde saía a pequena procissão que levava o Corpus Christi.

(...) O serviço na igreja reunia toda a comunidade. (...) Depois de um longo desfile de pêsames, um lento cortejo, saudado à passagem, acompanhava o caixão ao cemitério. Mas as coisas não acabavam aí. O período de luto era cheio de visitas: da família ao cemitério; dos parentes e amigos à família. (ARIÈS, 1990 p. 612)

A morte constituía acontecimento público, pois atingia coletivamente o grupo social, uma vez que esta repercutia na família, estendendo-se até o círculo mais amplo das relações e das clientelas.

No século XX, nas regiões mais industrializadas, surgiu uma forma absolutamente nova de morrer. A sociedade inverteu, segundo Ariès, a imagem da morte; ela expulsou a morte, salvo a dos homens de Estado e a dos artistas consagrados através da mídia; uma por afirmar o poder, outra por repercutir no consumo. Em ambos os casos, entretanto, a morte presta-se para afirmar a continuidade da vida: do Estado ou do mercado. A morte do homem comum não é mais percebida, banalizou-se de alguma forma. A sociedade não sente mais a falta de um indivíduo, isto não afeta sua continuidade, tudo se passa como já não se morresse mais, a não ser para a morte protocolada em família.

Vovelle chama nossa atenção para as mudanças na representação da morte, mais profundas principalmente após o período barroco, no qual o cerimonial fúnebre é aos poucos abandonado, dando lugar a manifestações de caráter laico e íntimo. "Il n'y a plus un art de mourir: et l'unité de ton du Grand Cérémonial cede place à toute une gamme de comportements révélateurs d'attitudes contrastées" (VOVELLE, 1974, p. 187 e 188). Para as luzes do século XVIII, a morte restringiu-se à dissolução do orgânico em inorgânico e a volta do inorgânico ao orgânico e, deste modo, as moléculas do corpo humano reapareceriam numa flor ou num pássaro. Se esta representação da morte foi interessante para a Revolução Francesa, uma vez que retira a administração da morte da Igreja, por outro lado, não foi favorável à conduta do cidadão, "les jeux du hasard remplacent les loix de la sagesse; et l'homme, loin de s'endormir hereux en rêvant son immortalité, court se perdre, en désespéré, dans l'herreur du néant!" (VOVELLE, op. cit., p. 228) Deste modo, na França do século XVIII a morte é solenizada, inventam-se pompas fúnebres laicas, nas quais até mesmo os prelados poderiam participar na condição de cidadãos. Há a volta do sentimento cristão laicizado em nome da permanência do ritual.

Na primeira metade do século XIX, o papel do *nuncius mortis* ficava a cargo do médico que de amigo carnal tornava-se amigo espiritual. Na segunda metade, este papel não é mais do médico, como também é rejeitado pelos familiares do moribundo. A realidade do estado de saúde, o fim próximo, passa a ser escamoteado com palavras de incentivo como "não se preocupe tudo vai dar certo", "você parece estar bem melhor", etc. Nestas frases, revela-se o medo de magoar, o medo de afirmar a morte. O moribundo passa a ser tratado como uma criança indefesa, despossuída de condições psicológicas para compreender o seu estado. Algumas vezes, o padre assumia a função, pois o anúncio do fim próximo confundia-se com a preparação espiritual, mas na maioria das vezes havia a expectativa de que o próprio moribundo tomasse a iniciativa aliviando a tensão familiar provocada pela dissimulação. O ato público que se iniciava com a presença do padre e que servia de anúncio e de preparação para o doente deixa de ocorrer. O padre só aparecia a cabeceira do moribundo quando já não podia impressioná-lo, seja por ele ter perdido a consciência, seja por estar definitivamente morto. "A extrema-unção deixou de ser um sacramento dos moribundos, para ser a dos mortos!" (ARIÈS, op. cit., p. 615)

Com o aumento da fé na ciência no decorrer do século XIX, o médico passa a adquirir cada vez mais importância na caracterização da morte. Anteriormente, os homens tinham fé na natureza, acreditavam que cada um poderia tratar de suas próprias doenças, desde que observasse o funcionamento do próprio corpo; a má digestão demandava uma dieta a base de comidas leves, a limpeza do sangue: sangrias, a fraqueza: alimentos fortes. Se o bom senso é a coisa melhor repartida entre os homens, como acreditava Descartes, poderíamos dizer que cada um cuidava de seu corpo de acordo com sua opinião a respeito do saudável, embora a ignorância sempre apresentasse-se como obstáculo à manutenção da saúde. Com o tempo, não obstante, sentiu-se necessidade do parecer do médico, que passou a ser representado como aquele capaz de pelos efeitos descobrir as causas das doenças e pelo poder da ciência receitar a química necessária à cura. O médico deixou, então, de ser o mero estudioso de ciências naturais, que eventualmente poderia ajudar os cidadãos de sua comunidade, para transformar-se no senhor da vida e da morte. Esta ciência, que hoje dispõe de tecnologia, não deveria deixar morrer, a morte é sinal de seu fracasso e, por isso, deve ser dissimulada e assumida como acidental. É curiosa a morte entre personalidades, os médicos, porta-vozes da finitude, reúnem os repórteres: "lamento informar...", "fizemos o possível, mas ele não resistiu", "o quadro complicou-se durante a madrugada". A ciência tenta triunfar de qualquer maneira sobre a morte natural, como revelam as experiências genéticas e o congelamento de cadáveres. Tudo isto tende a malograr, adverte François Jacob, pois

nos organismos pluricelulares, com diferenciação em linhagens somáticas e germinais, com a reprodução por sexualidade, é preciso, ao contrário, que os indivíduos desapareçam. Este desaparecimento é a resultante de duas forças contrárias. Um equilíbrio entre, por um lado, a eficácia sexual com seu cortejo de gestações, de cuidados, de educação e, por outro, o desaparecimento da geração que acabou de desempenhar o seu papel na reprodução. (...) existem muito poucas possibilidades de que se consiga um dia prolongar a duração da vida além de um certo limite. As exigências da evolução adequam-se mal ao velho sonho da imortalidade. (Jacob, 1983: p.309)

Mesmo sendo imprescindível para a evolução, a morte é rejeitada pelo mundo burguês. Com seu ideal de limpeza, rejeitá-la é uma questão de higiene. Assim, deve ficar sob a responsabilidade de especialistas, médicos, enfermeiros, diretores de funeral, cozeiros, do mesmo modo que a carne é responsabilidade do açougueiro e o lixo dos garis. A bela morte romântica do século XVIII passa a refletir, no final do século XIX, imagens hediondas da era macabra que tinham sido reprimidas desde o século XVII, com a diferença de que tudo que fora dito na Idade Média sobre a decomposição depois da morte, ficou desde então transferido para a pré-morte, para a agonia. Agora, a morte não causa medo apenas por sua inexorabilidade, mas por apresentar-se como um espetáculo repugnante. É indecente torná-la pública, como explica Ariès:

Já não se tolera deixar entrar qualquer um no quarto com cheiro de urina, suor, gangrena, ou com lençóis sujos. É preciso impedir o acesso, exceto de alguns íntimos, capazes de vencer o nojo, e aos que prestam serviços. Uma nova imagem da morte está se formando: a morte feia e escondida, e escondida por ser feia e suja. (ARIÈS, op. cit., p. 622)

Este horror que a morte desperta culminará no que Ariès chama de medicalização da morte. Os doentes terminais geralmente são mantidos nos hospitais, locais em condição de lhes dar o mesmo tratamento de um operado grave, os processos aplicados após

as cirurgias agora estendem-se a todas as agonias visando aliviar o sofrimento. Os moribundos são hidratados e alimentados através de perfusões intravenosas, na boca um tubo ligado a uma bomba que aspira as mucosidades e não o deixa sufocar. Os médicos e as enfermeiras controlam a situação com medicamentos para atenuar a dor. A imagem que se tem do moribundo é de um corpo sufocado por tubos e fios (é preciso lembrar que os doentes mais pobres sem recursos para este prolongamento têm a vida abreviada, embora também morram nos hospitais). A medicina conseguiu, ao menos, um triunfo parcial sobre a morte, há tecnologia disponível para adiar indefinidamente o tempo da morte, as medidas tomadas com o objetivo de evitar a dor têm como efeito o prolongamento da vida. A tentativa de evitar o inevitável nos hospitais, relaciona-se ao medo que médicos e enfermeiros, como toda a sociedade, têm em admitir que não há como vencer a morte.

Se não se pode vence-la é preciso dissimulá-la. No hospital ela está distante restrita a um quarto, sob os cuidados de pessoas especializadas. Ela ocorre de modo controlado, a família avisada previamente já encarregou-se de preparar o necessário para o funeral, a retirada do corpo tem de ser feita de maneira rápida e discreta para não alarmar os outros doentes nem os futuros pacientes.

O funeral, neste século, perdeu o caráter público e tornou-se um ato privado, reservado aos mais próximos. Até mesmo a família, com a medicalização da morte, afastou-se das cerimônias do funeral, não há mais tempo para velórios longos, para rituais de despedida de caráter emocional. O empobrecimento do ritual apresenta-se no declínio do luto, principalmente a partir da Primeira Grande Guerra, devido à enorme mortalidade na frente de batalha e também porque as mulheres, neste período, passaram a trabalhar no lugar dos homens, não restando tempo para a morte. G. Gorer foi o primeiro a perceber a mudança na função social do luto e o que isso revelava: uma transformação profunda nas atitudes diante da morte. No seu artigo, "Pornography of Death", de 1955, mostrou que a morte tornara-se vergonhosa e interdita como o sexo na era vitoriana, ao qual sucedia, uma interdição substituía a outra. O luto, símbolo da morte, passou a ser visto como bizarro, as pessoas em luto passaram a ser consideradas desequilibradas; não há mais tempo nem sentido para o luto.

Se existe, de acordo com Edgar Morin (1995), uma relação entre atitude diante da morte com consciência de si, poderíamos concluir que a incapacidade de aprender com a morte ou a sua rejeição revela a falta de consciência de si, das possibilidades e dos limites de cada um? Os rituais primitivos que envolviam a morte, do mesmo modo que os que envolviam o sexo, tinham como efeito psicológico o triunfo dos homens sobre as forças inexoráveis da natureza, triunfo só possível com a aceitação desta natureza. A morte ritualizada, transformada em espetáculo é a afirmação da vida. O Livro Tibetano dos Mortos, o ritual fúnebre dos Tupinambás, etc., afirmam a vida na crença da imortalidade de algo que chamaríamos de alma, por isso, a necessidade de vestir o morto, oferecer-lhe comida, utensílios. A vida triunfa sobre a morte física.

Para Weber (1983), os progressos inevitáveis da razão provocaram o desencantamento do mundo e a multiplicação de sentidos para a vida (acesso às várias religiões, às informações científicas diferenciadas, a prazeres proibidos, a hobbies diversos). A dissimulação da morte, pode ser considerada, então, um efeito colateral dos progressos da razão? Qual o lugar da morte na nossa sociedade, por que ela é rejeitada? São questões que este progresso provoca.

Considerações como estas nos fazem refletir sobre o tipo de sociedade em que vivemos, precisamente no modo como ela encontra-se estruturada. Qual o lugar da morte nesta estrutura? Há uma pedagogia da morte? Como a escola assimila a morte? Ela também a dissimula?

Ou seremos todos congelados?

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. v. II.
- JACOB, F. **A lógica da vida (Uma história da hereditariedade)**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- MORIN, E. **O homem e a morte**. São Paulo: Imago, 1995.
- VOVELLE, M. Mourir autrefois (attitudes collectives devant la mort aux XVII et XVIII^{ème} siècle. Paris: Gallimard, 1974.
- _____. La mort et l'occident: de 1300 à nos jours. Paris: Gallimard, 1983.
- _____. **L'heure du grand Passage**. Paris: Gallimard, 1993.
- WEBBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Abril, 1983.
- WENTZ, W. Y. E. **O livro tibetano dos mortos**. São Paulo: Pensamento, 1991.